

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO



NÃO HÁ
SEGUNDA CHANCE

HARLAN COBEN

o que você seria capaz de fazer
para salvar um filho?



Título original: *No Second Chance*

Copyright © 2003 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Beatriz Medina

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Ana Grillo e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

capa: Elmo Rosa

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586n Coben, Harlan

Não há segunda chance / Harlan Coben; tradução Beatriz Medina. São Paulo: Arqueiro, 2020.

336 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: No second chance

ISBN 978-85-306-0092-1

1. Ficção americana. I. Medina, Beatriz. II. Título.

19-60676

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Em memória de minha sogra,
Nancy Armstrong*

*E em homenagem aos seus netos:
Thomas, Katharine, McCallum, Reilly, Charlotte, Dovey,
Benjamin, Will, Ana, Eve, Mary, Sam, Caleb e Annie*

capítulo 1

QUANDO A PRIMEIRA BALA atingiu o meu peito, pensei na minha filha.

Pelo menos é nisso que quero acreditar. Perdi a consciência bem depressa. E, se quiser saber os detalhes, nem sequer me lembro de ter levado um tiro. Sei que perdi muito sangue. Sei que uma segunda bala me acertou de raspão no alto da cabeça, embora a essa altura eu provavelmente já estivesse apagado. Sei que o meu coração parou. Mas ainda gosto de achar que, enquanto estava ali, morrendo, pensei em Tara.

Se você estiver se perguntando: não vi nenhum túnel nem luz forte. Ou, se vi, também não lembro.

Tara, a minha filha, tem apenas 6 meses. Estava no berço. Eu me pergunto se o tiro a assustou. Deve ter assustado. Ela provavelmente começou a chorar. Eu me pergunto se o som familiar e irritante de seu choro conseguiu atravessar o meu torpor, se em algum nível realmente a escutei. Só que, mais uma vez, não tenho qualquer lembrança disso.

Recordo, no entanto, do momento em que Tara nasceu. Eu me lembro de Monica – a mãe dela – se preparando para fazer força uma última vez. Eu me lembro da cabeça coroando. Fui o primeiro a ver a minha filha. Todos nós sabemos das encruzilhadas na estrada da vida. Todos nós sabemos das portas que se abrem enquanto outras se fecham, dos ciclos da vida, das mudanças de estação. Mas o momento em que um filho nasce é mais que surreal. É como passar por um portal estilo *Star Trek*, uma transformação total da realidade. Tudo fica diferente. A gente fica diferente, um elemento simples, atingido por um catalisador espantoso, que se metamorfoseia em outro muito mais complexo. O nosso mundo desaparece, encolhe e assume as dimensões – pelo menos nesse caso – de uma massa de 3 quilos e 100 gramas.

A paternidade me confunde. É, eu sei que, com apenas seis meses de serviço, sou um amador. Lenny, o meu melhor amigo, tem quatro filhos. Uma menina e três meninos. Marianne, a mais velha, tem 10 anos. O caçula acabou de fazer 1. Com o rosto sempre alegremente preocupado e o chão da caminhonete sempre repleto de restos de comida de lanchonete, Lenny me lembra que ainda não sei nada. Concordo. Mas, quando fico totalmente perdido ou assustado no terreno da criação de filhos, olho o pacotinho indefeso no berço e ela me olha, e me pergunto o que eu não faria para

protegê-la. Entregaria a minha vida num segundo. E, verdade seja dita, se fosse necessário, entregaria a sua também.

Portanto, gosto de pensar que, quando as duas balas perfuraram o meu corpo, enquanto eu caía no chão da cozinha com uma barrinha de granola meio comida na mão, enquanto jazia imóvel na poça crescente do meu próprio sangue, e, sim, mesmo quando o meu coração parou de bater, eu ainda estava tentando fazer alguma coisa para proteger a minha filha.

Acordei no escuro.

A princípio não tinha a menor ideia de onde estava, mas aí ouvi os bipes que vinham da minha direita. Um som conhecido. Não me mexi. Apenas escutei os bipes. Parecia que o meu cérebro estava mergulhado em melaço. O primeiro impulso foi primitivo: sede. Ansiava por beber água. Nem sabia que a garganta podia ficar tão seca. Tentei gritar, mas a minha língua estava colada a seco no fundo da boca.

Alguém entrou no quarto. Quando tentei me sentar, uma dor lancinante passou como uma faca pelo meu pescoço. A cabeça caiu de volta. E novamente mergulhei na escuridão.

Quando voltei a acordar, era dia. Faixas implacáveis de luz do sol cortavam as venezianas. Pisquei. Parte de mim queria erguer a mão e tapar os raios, mas a exaustão não permitiu que o comando chegasse aos braços. A garganta ainda estava absurdamente seca.

Escutei um movimento e, de repente, havia alguém de pé na minha frente. Ergui os olhos e vi uma enfermeira. O ponto de vista tão diferente do que eu estava acostumado me desconcertou. Parecia que estava tudo errado. Era eu quem devia estar em pé olhando para baixo, não o contrário. Uma touquinha branca – uma daquelas pequenas e rigidamente triangulares – pousava como um ninho de passarinho na cabeça dela. Passei grande parte da vida trabalhando em diversos hospitais, mas tenho certeza de que nunca vi um chapéu daqueles a não ser na TV ou no cinema. A enfermeira era negra e corpulenta.

– Dr. Seidman?

A voz era uma calda quentinha. Consegui fazer que sim bem de leve com a cabeça.

A enfermeira devia ler pensamentos, porque já trazia um copo d'água. Pôs o canudinho entre os meus lábios e suguei, ávido.

– Calma – disse ela baixinho.

Eu ia perguntar onde estava, mas parecia bem óbvio. Abri a boca para tentar descobrir o que acontecera, mas novamente ela estava um passo à minha frente.

– Vou chamar a médica – falou, seguindo para a porta. – Agora relaxe.

– Minha família... – gemi.

– Já volto. Não se preocupe.

Deixei os olhos vagarem pelo quarto. Minha visão tinha aquela névoa de cortina de banheiro por causa da medicação. Ainda assim, havia estímulos suficientes para fazer certas deduções. Eu estava num típico quarto de hospital. Isso era óbvio. Havia uma bolsa de soro com cateter à minha esquerda, o tubo serpenteando até o meu braço. As lâmpadas fluorescentes faziam um zumbido quase, mas não totalmente, imperceptível. Uma TV pequena num suporte projetava-se do canto superior direito.

Um pouco mais além do pé da cama, havia uma janela grande. Franzi os olhos, mas não consegui ver através dela. Ainda assim, eu provavelmente estava sendo monitorado. Isso significava que estava num CTI. Isso significava que o que eu tinha era bem grave.

O alto da minha cabeça comichou e senti o cabelo repuxar. Enfaixada, aposto. Tentei me olhar, mas o corpo não queria mesmo cooperar. Uma dor surda ressoava em silêncio dentro de mim, mas eu não saberia dizer de onde vinha. Meus membros pareciam pesados, o peito revestido de chumbo.

– Dr. Seidman?

Voltei os olhos para a porta. Uma mulher miudinha de avental cirúrgico com touca e tudo entrou no quarto. A parte de cima da máscara estava desamarrada e pendia no pescoço. Tenho 34 anos. Ela parecia ter a mesma idade.

– Sou a Dra. Heller – disse ela se aproximando. – Ruth Heller. – Ela me disse o primeiro nome. Cortesia profissional, sem dúvida. Ruth Heller me observou e tentei me concentrar. O cérebro ainda estava meio lento, mas dava para sentir que voltava à vida aos trancos. – O senhor está no St. Elizabeth's Hospital – disse ela com voz adequadamente séria.

A porta atrás dela se abriu e um homem entrou. Era difícil vê-lo com clareza através da névoa de cortina de banheiro, mas não o achei familiar. O homem cruzou os braços e se encostou na parede, com informalidade estudada. Não é médico, pensei. Quem trabalha com médicos tempo suficiente sabe reconhecer.

A Dra. Heller olhou o homem de soslaio e depois me devolveu toda a sua atenção.

– O que aconteceu? – perguntei.

– O senhor foi baleado – disse ela. Depois, acrescentou: – Duas vezes.

Ela deixou a informação no ar um instante. Espiei o homem encostado na parede. Ele não havia se mexido. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas Ruth Heller continuou:

– Uma das balas passou de raspão pelo alto da cabeça. A bala arrancou o couro cabeludo, que, como o senhor provavelmente sabe, é muito vascularizado.

É, eu sabia. Ferimentos graves no couro cabeludo sangram como decapitações. Tudo bem, pensei, isso explicava a coceira. Quando Ruth Heller hesitou, perguntei:

– E a segunda bala?

Heller suspirou.

– Essa foi um pouco mais complicada.

Esperei.

– A bala penetrou na caixa torácica e perfurou o pericárdio. Isso provocou uma hemorragia importante no espaço entre o coração e o saco pericárdico. Os paramédicos tiveram dificuldade para identificar os seus sinais vitais. Tivemos de abrir o tórax e...

– Doutora? – interrompeu o homem encostado, e, por um momento, achei que fosse falar comigo. Ruth Heller parou, claramente irritada. O homem se descolou da parede e continuou se dirigindo a ela. – Pode dar os detalhes depois? O tempo é essencial aqui.

Ela fez cara feia, mas não resistiu.

– Ficarei aqui para observar – disse ela ao homem –, se não tiver problema.

A Dra. Heller recuou e o homem assomou sobre mim. A cabeça era grande demais para os ombros e dava a impressão de que o pescoço ia ceder com o peso dela. O cabelo era curtíssimo na cabeça toda, menos na frente, onde pendia num topete que caía sobre os olhos. Uma mancha feia de pelos pousava no queixo como um inseto que quisesse se enterrar ali. No geral, parecia o integrante de uma banda pop que envelheceu mal. Ele sorriu para mim, mas não havia cordialidade no sorriso.

– Sou o detetive Bob Regan, do Departamento de Polícia de Kasselton – disse. – Sei que neste momento o senhor está confuso.

– A minha família... – comecei.

– Chegarei lá – interrompeu. – Agora preciso lhe fazer algumas perguntas, tudo bem? Antes de entrarmos nos detalhes do que aconteceu.

Ele aguardava uma resposta. Forcei a voz ao máximo e disse:

– Tudo bem.

– Qual a última coisa de que se lembra?

Examinei os registros da minha memória. Lembrei-me de acordar naquele dia, de me vestir. Lembrei-me de dar uma olhada em Tara. Lembrei-me de girar o botão do seu móbil preto e branco, presente de um colega que insistiu que ajudaria a estimular o cérebro do bebê ou coisa assim. O móbil não se mexeu nem tocou a musiquinha. As pilhas tinham acabado. Anotei mentalmente que devia trocá-las. Depois disso, desci.

– Comer uma barra de granola – respondi.

Regan fez que sim, como se esperasse exatamente essa resposta.

– Estava na cozinha?

– Estava, perto da pia.

– E depois?

Fiz força, mas não veio nada. Balancei a cabeça.

– Acordei uma vez. À noite. Estava aqui, acho.

– Mais nada?

Examinei tudo de novo, mas não adiantou.

– Não, nada.

Regan puxou um bloquinho.

– Como a doutora aqui lhe disse, você levou dois tiros. Não tem nenhuma recordação de ver uma arma ou de ouvir um tiro ou coisa assim?

– Não.

– Acho compreensível. Você ficou muito mal, Marc. Os paramédicos acharam que estivesse morto.

Senti a garganta seca de novo.

– Onde estão Tara e Monica?

– Preste atenção aqui, Marc. – Regan fitava o bloco, não a mim. Senti o pavor apertar o meu peito. – Escutou alguma janela quebrando?

Eu estava grogue. Tentei ler o rótulo da bolsa de soro para ver com que estavam me dopando. Não consegui. Analgésico, no mínimo. Provavelmente morfina. Tentei combater o efeito.

– Não – respondi.

– Tem certeza? Encontramos uma janela quebrada perto dos fundos da casa. Deve ter sido assim que o criminoso conseguiu entrar.

– Não me lembro de nenhuma janela quebrando – falei. – Você sabe quem...

Regan me interrompeu:

– Não, ainda não. Por isso estou aqui lhe fazendo essas perguntas. Para descobrir quem fez isso. – Ele ergueu os olhos do bloco. – Tem algum inimigo?

Ele realmente tinha me perguntado isso? Tentei me sentar, tentei encontrar algum novo ângulo dele, mas não havia como. Não gostei de ser o paciente, de estar no lado errado da cama. Dizem que os médicos são os piores pacientes. Provavelmente é por causa dessa súbita inversão de papéis.

– Quero saber da minha mulher e da minha filha.

– Entendo – disse Regan, e algo no tom da voz dele fez um calafrio passar pelo meu coração. – Mas você não pode se dar ao luxo dessa distração, Marc. Não agora. Quer ajudar, não quer? Então precisa prestar atenção em mim. – Ele voltou ao bloquinho. – Agora, e os inimigos?

Continuar discutindo com ele parecia inútil e mesmo inconveniente, então aquiesci de má vontade.

– Alguém que pudesse atirar em mim?

– É.

– Não, ninguém.

– E a sua mulher?

Os olhos dele pousaram duros sobre mim. Minha imagem favorita de Monica – o seu rosto iluminado quando vimos as cachoeiras de Raymondskill Falls pela primeira vez, o jeito como me abraçara com medo fingido enquanto a água despencava à nossa volta – surgiu como uma aparição.

– Tinha inimigos?

Encarei-o.

– Monica?

Ruth Heller avançou.

– Acho que basta por ora.

– O que aconteceu com Monica? – perguntei.

A Dra. Heller se juntou ao detetive Regan, ombro a ombro. Ambos me olhavam. A doutora começou a protestar de novo, mas a interrompi.

– Não me venha com essa bobagem de proteger o paciente – tentei berrar, medo e fúria lutando contra o que deixava o meu cérebro naquela confusão.

– Digam o que aconteceu com a minha mulher.

– Ela está morta – disse o detetive Regan.

Simples assim. Morta. A minha mulher. Monica. Foi como se eu não o escutasse. As palavras não podiam me alcançar.

– Quando a polícia invadiu a sua casa, vocês dois tinham sido baleados. Conseguiram salvar você. Mas era tarde demais para a sua esposa. Sinto muito.

Houve outro flash rápido – Monica em Martha's Vineyard, na praia, maiô marrom, aquele cabelo preto batendo no rosto, me lançando o seu sorriso afiado como navalha. Pisquei para que sumisse.

– E Tara?

– A sua filha – começou Regan com um rápido pigarro. Olhou o bloquinho de novo, mas acho que não planejava escrever nada. – Ela estava em casa naquela manhã, correto? Quer dizer, na hora do incidente?

– Estava, claro. Cadê ela?

Regan fechou o bloquinho ruidosamente.

– Ela não estava no local quando chegamos.

Meu coração parou.

– Como assim?

– Primeiro achamos que talvez estivesse sob os cuidados de um amigo ou parente. Uma babá, talvez, mas... – A voz dele sumiu.

– Está me dizendo que não sabe onde Tara está?

Dessa vez não houve hesitação.

– Isso.

Foi como se uma mão gigante apertasse o meu peito. Fechei os olhos com força.

– Há quanto tempo? – perguntei.

– Que ela está desaparecida?

– É.

A Dra. Heller começou a falar depressa demais.

– O senhor precisa entender. Estava com ferimentos gravíssimos. Não tínhamos esperança de que sobrevivesse. Estava ligado a um respirador mecânico. Sofreu um pneumotórax. Septicemia também. O senhor é médico, por isso não preciso explicar a gravidade. Tentamos reduzir a medicação, ajudá-lo a acordar...

– Há quanto tempo? – perguntei de novo.

Ela e Regan trocaram outro olhar e depois a Dra. Heller disse algo que novamente arrancou o ar de dentro de mim:

– O senhor está desacordado há doze dias.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém
Apenas um olhar

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

